

Apresentação

Fernanda Teixeira de Medeiros e Leonardo Bérenger

Em um número cuja proposta foi pensar Shakespeare a partir dos diálogos estabelecidos com sua obra em diversas modalidades, ficamos satisfeitos em contar com uma seleção tão variada de textos, contemplando épocas, gêneros e exercícios dialógicos diversos. Além da chance de passearmos por tantos Shakespeares, o conjunto desses trabalhos nos proporciona a chance de trazer à luz o fato de que o próprio Bardo foi um grande adaptador, um grande leitor – dos clássicos e de seus contemporâneos ingleses e estrangeiros – e que seu regime de criação, longe do ideal romântico de "originalidade", pautava-se pelos princípios da *imitatio* e da *emulatio*, processos retóricos de apropriação de vozes alheias, que renderam, no caso do nosso autor, obras-primas como *Romeu e Julieta* (1595-96), *Hamlet* (1600-01), *Rei Lear* (1605-06), e tantas outras, transformando suas 38 peças (número que pode ser maior se pensarmos em peças escritas em colaboração ou perdidas) em fonte inesgotável e recorrente para inúmeros autores que o sucederiam. No contexto atual da academia brasileira, o interesse pelos diálogos que a obra shakespeariana estabelece com outros textos e autores foi legitimado pelo Simpósio SHAKESPEARE EM MÚLTIPLAS TEXTUALIDADES, coordenado pelas Professoras Fernanda Teixeira de Medeiros (UERJ), Liana de Camargo Leão (UFPR) e Marlene Soares dos Santos (UFRJ) durante o XV CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, em 2017, e que contou com um número substancial de trabalhos apresentados por professores pesquisadores e pós-graduandos de todo território nacional. Foi a partir do fluxo de ideias ali trocadas que recebemos o convite dos editores de *Tradução em Revista* para organizarmos este volume

temático, e a eles agradecemos enormemente pela enriquecedora oportunidade.

No interior da própria obra shakespeariana e sua relação com coautores e a com a censura, o manuscrito *Sir Thomas More*, datado da virada do século XVI para o XVII, é investigado por Ricardo Cardoso em "'A autoridade morreu em sua revolta' - Censura ao levante contra estrangeiros em *Sir Thomas More* (c.1600-1603/4)". Trata-se de um manuscrito valioso por registrar o processo de criação e recriação desta peça por diferentes agentes, entre eles William Shakespeare, e por conter, em meio às anotações, um veto da censura elisabetana à representação de uma revolta popular contra a presença de estrangeiros em Londres.

O Shakespeare adaptado desde o período da Restauração da monarquia na Inglaterra (1660) encontra-se aqui representado pelo trabalho de Gabriel Leibold e Leonardo Bérenger, "Adaptação e reconstrução: a ausência de Margaret D'Anjou no teatro da Restauração". No ensaio, os autores discutem a adaptação da peça *RICARDO III* (1592) por Colley Cibber, em 1700, focalizando a opção do adaptador por excluir a personagem de Margaret d'Anjou. A análise da peça alicerça-se na revisão dos papéis socioculturais exercidos pelas mulheres em ambas Inglaterras, de Elisabete I e de Carlos II, entrelaçando o materialismo cultural (WILLIAMS, 1979; WILLIAMS, 1981) à chamada teoria feminista (MINNER, 1983).

A polêmica em torno da autoria da obra shakespeariana, que retorna com frequência ao campo de discussão dos estudos sobre o Bardo, está representada pelo texto de Ádria Grazielle Pinto e Ana Cláudia Domingos, "William Shakespeare: diálogos intertextuais e intermediários no filme *Anônimo*", no qual as autoras analisaram, por meio de processos intermediários, a figuração de William Shakespeare como uma alegoria no filme de Roland Emmerich (2011),.

Mariana Lessa de Oliveira, em "Was Hamlet Really Mad?", aponta um vínculo especial de Shakespeare com a Irlanda, que funcionava como uma fonte de mitos e lendas a serem usadas em suas peças. De acordo com a autora, seria Shakespeare quem, mais tarde, teria se tornado a fonte a partir da qual escritores irlandeses reformulariam sua arte. Em seu estudo, Mariana analisa e descreve como o *Hamlet* de Shakespeare é apropriado na

peça *Volunteers* (1975) de Brian Friel, destacando como essa apropriação pode oferecer uma reflexão sobre a história irlandesa.

Rebeca Pinheiro Queluz, autora de "Mya Gosling, William Shakespeare e Bobby Pickett: diálogos possíveis em *The (Shakespearean) Monster Mash*", analisa *The (Shakespearean) Monster Mash*, uma paródia em quadrinhos criada por Mya Lixian Gosling, a partir de personagens de quatro peças shakespearianas – *Júlio César* (1599), *Hamlet* (1601), *Macbeth* (1606) e *Ricardo III* (1592-3) – e da música *The Monster Mash*, composta por Leonard Capizzi e Bob Pickett, tomando como base reflexões sobre transposição intermediática, intertextualidade e paródia de autores como Irina Rajewsky, Julia Kristeva e Linda Hutcheon.

Na esfera da ópera e da música, temos os trabalhos de Anna Stegh Camati e Erick Ramalho, respectivamente. Anna Camati é autora de "*Sonho de uma noite de verão*: do texto de Shakespeare à ópera de Benjamin Britten", em que reflete sobre *Sonho de uma noite de verão* (1960), ópera de câmara composta por Benjamin Britten (1913-1976) a partir do texto homônimo de Shakespeare, analisando a adaptação cênica apresentada em Glyndebourne (1981), dirigida por Peter Hall (1930-2017). Os diálogos intermediáticos entre Shakespeare, Britten e Hall são investigados à luz de considerações teóricas de Linda e Michael Hutcheon, Claus Clüver, Jorge Coli, Freda Chapple e outros. Erick Ramalho, por sua vez, contribui com "Roger Quilter e o sentido de versos de *Cymbeline* 4.2.259–82 em forma musical", examinando a primeira parte (em fá menor) da canção de 1921 ('Fear no more the heat o' the sun', *Op. 3, N.1*) com que Roger Quilter musica *Cymbeline* 4.2.259–82, em termos de sua leitura e recriação do manejo nuançado da forma e do metro por Shakespeare.

Os diálogos com Shakespeare no âmbito da cultura brasileira na contemporaneidade encontram-se amplamente representados na revista, tanto em adaptações – para o teatro, para os quadrinhos e para o romance – quanto em traduções. Em "'Ser ou não ser': o legado da miséria existencial", Célia Arns de Miranda discute uma peça escrita e dirigida pelo dramaturgo Felipe Hirsch, *Estou te escrevendo de um país distante*, encenada no Teatro Novelas Curitiba em 1997, e consistindo de uma versão contemporânea do *Hamlet* shakespeariano. Com tecido intertextual bastante denso, a

encenação dirigida por Hirsch estabelece um diálogo intertextual também com *Hamlet-máquina* de Heiner Müller.

Renata Cazarini de Freitas em "Mas que Hamlet é esse?" propõe uma analogia das adaptações com a biologia evolutiva, chamando atenção para os memes, unidades mínimas viáveis de transmissão que constituem um texto clássico, seja da Antiguidade seja da obra de William Shakespeare, concebidos pelo etólogo Richard Dawkins em seu livro *The Selfish Gene* (1976). O texto clássico é, assim, considerado uma "survival machine". Sob essa perspectiva, além de adaptações estrangeiras, Renata também aborda montagens teatrais recentes da peça *Hamlet* no Brasil, como *Hamelete – O Cordel*, (dir. de Lívia Simardi, 2014); *Hamlet – processo de revelação* (dir. Coletivo Irmãos Guimarães, 2015); *Hamlet ex-máquina* (dir. Érika Bodstein/42 Coletivo Teatral, 2017) e *Dinamarca* (dir. Pedro Wagner/Grupo Magiluth, 2017), entre outras.

Isadora Schwenck Corrêa de Brito e Marcia A. P. Martins, em "Adaptações de *Sonho de uma noite de verão* para o público infantojuvenil", analisam três reescritas em português do Brasil da comédia shakespeariana: a adaptação realizada por Ana Maria Machado (Scipione, 1997); a adaptação em formato de narrativa ilustrada *Turma da Mônica Jovem*, de Maurício de Sousa e Fernando Nuno (Girassol, 2015); e o mangá *Sonho de uma noite de verão* da série Mangá Shakespeare (Galera Record, 2014), ilustrado por Kate Brown e traduzido por Alexei Bueno. A partir desse corpus, examinam os processos multimodais adotados nas reescritas e em que medida as principais características da obra shakespeariana são mantidas e/ou alteradas nos quesitos tema, trama, perfil dos personagens e linguagem.

Raquel Cristina do Nascimento Pinho e Fernanda Teixeira de Medeiros trazem "Vamos comer Shakespeare: a devoração do Bardo em *Trabalhos de amor perdidos*, de Jorge Furtado". No artigo, as autoras apresentam uma investigação minuciosa da adaptação de Furtado, que reescreveu na forma de romance a comédia *Trabalhos de amor perdidos* (1595-96), de William Shakespeare, em 2006. Por meio da observação de exemplos de correspondências e "infidelidades", discutem o complexo processo dialógico que ocorre entre as duas obras literárias, assim como explicitam a

obra derivada como produto de uma (re)leitura aprofundada e um conhecimento íntimo do texto-fonte.

Pedro Luís Sala Vieira e Janine Pimentel, em "Traduções de *Hamlet* no Brasil: um estudo diacrônico dos paratextos", analisam os paratextos de onze traduções de *Hamlet* publicadas no Brasil entre 1933 e 2015, identificando padrões discursivos nos enunciados paratextuais e suas transformações ao longo das décadas.

Last but not least, este número conta com a colaboração de uma das maiores especialistas em Shakespeare no Brasil, Marlene Soares dos Santos, que generosamente cedeu-nos o texto de sua palestra "Zoando o Bardo, burlescos shakespearianos", apresentada no IX Seminário de Pesquisa e I Seminário de Dissertações Uniandrade, em setembro de 2017, em que discute e comenta os burlescos shakespearianos da era vitoriana. O burlesco, conforme explica Marlene dos Santos, também chamado de *burletta*, *travestie* e *extravaganza*, originou-se na Itália no século XVII e espalhou-se por toda a Europa, atingindo o seu auge no século XIX. Sendo Shakespeare o mais famoso dramaturgo da época, sua obra não poderia deixar de ser a mais revisitada pelos autores de burlescos da era vitoriana, destacando-se as tragédias, e entre estas, *Hamlet*. O ensaio enfatiza a importância dos burlescos em geral e a dos shakespearianos em particular, que contribuíram para a crescente popularidade da obra do Bardo, rindo *dele* e *com* ele.

A nós, organizadores deste volume dedicado a Shakespeare, restanos agradecer a todo corpo editorial do periódico, aos autores dos artigos, aos pareceristas, cujas contribuições e sugestões foram decisivas para a qualidade de nosso trabalho. Reforçamos nossos *many thanks* aos membros da Comissão Editorial, nomes caros aos Estudos de Tradução no Brasil: Marcia do Amaral Peixoto Martins, Maria Paula Frota e Paulo Fernando Henriques Britto.